

PARA A MEMÓRIA DE PASSOS QUE DEMOS JUNTOS

Ralf Rickli, rr@tropis.org

1968: com 11 anos, numa cidadezinha do interior do Paraná, compro o primeiro exemplar da revista *Veja* e me percebo em um mundo em efervescência e questionamento. Paralelamente, idéias curiosas brotam caudalosamente nas horas passadas às margens de um rio e da floresta virgem de araucárias: *a forma de viver na cidade hoje é equivocada, há mais sabedoria numa vida de aldeia ou comunitária; só o que é curvo é saudável, as linhas retas da cidade ferem a vida; o corpo precisa ser redescoberto, compreendido em nova luz; as relações masculino-feminino devem se tornar mais simétricas...* e muito mais.

Em outro periódico – mais precisamente na coluna *Underground* de *O Pasquim*, assinada por Luís Carlos Maciel – descubro que idéias parecidas andam soando por toda parte, esboçando uma *teoria alternativa do mundo*. Se apenas mais tarde pude entender que a Terra estava sendo irradiada com novas diretrizes espirituais, sabia sem sombra de dúvida que não estava destinado a viver como viviam nossos pais.

1977: por alguma razão, nem havia tentado entrar nas faculdades que me atraíam (Psicologia, Filosofia, Jornalismo), e estou prestes a abandonar as que curso (Licenciatura em Música e Piano), pois parecem não levar a lugar nenhum. Ao mesmo tempo, vibro com o que é meu trabalho há um ano: ensinar música, e outras coisas através da música, a crianças, jovens e adultos. Continuo vislumbrando um futuro mais comunitário e rural, e como tantos contemporâneos procuro caminhos na ioga, ocultismo, substâncias proibidas, macrobiótica...

1978: um estudante de Medicina de Juiz de Fora (Samir W. Rahme), conhecido em cursos de música, me fala de Antroposofia, e com ela da Agricultura Biodinâmica: “estão começando a praticá-la no Brasil numa fazenda chamada Demétria, em Botucatu...”

Desconfio que pode ser o caminho para fora da cidade que vislumbrei há dez anos, e um dia me largo para Botucatu de carro, sem endereço e sem conhecer ninguém na cidade. Entro na UNESP e paro casualmente o carro ao lado de um estudante com um livro na mão: *As Plantas que Curam*. Pergunto se conhece a Demétria, e ele e a mulher se propõem a ir comigo até lá.

Ninguém pode nos receber porque estão em reunião com um professor que veio da Inglaterra: Herbert Koepf – mas nos deixam passear nas hortas e nos presenteiam com um livrinho do professor: *O solo vivo protege as plantas*. Embora lamente a falta do contato humano, saio encantado com a visão que

encontro no livro: a Vida como poderosa alquimia. O casal de estudantes me acolhe em sua casa essa noite, amigos íntimos que nunca mais se viram...

1979-80: participo em São Paulo do primeiro curso brasileiro de Pedagogia Social antroposófica, com Lex Bos. Feliz em saber que existe um mundo onde se pode estudar *daquele* jeito, em poucos meses parto para o Emerson College, Inglaterra – por ter sabido que lá se estudavam Educação, Agricultura e Artes, sem falar de uma porta para... a carreira sacerdotal na Comunidade de Cristãos! Logo, junto com Paulo Cabrera, Rodrigo Matta Machado e tantos outros, me vejo aluno daquele mesmo Herbert Koepf!

Quase feliz lamento que, mesmo aí, agricultura, educação, artes e o sacerdócio sejam carreiras isoladas, praticamente sem intercâmbio – enquanto eu mesmo as veria *todas* como faces ou especializações de um único caminho central... com certeza de natureza sacerdotal...

1980-81: o coração balança: formação sacerdotal em Stuttgart? Um ano de suor e enxada como preparo para trabalhar em regiões pobres? Concluo que das duas opções a última seria a mais sacerdotal para o nosso tempo. E reencontro no curso (o Programa de Desenvolvimento Rural criado pelos americanos Mark Feedman e Chela Lightchild) o impulso que me havia posto em movimento, o de 1968, oficiado sobretudo pela mestra Judy Hurley (hoje Bloomgardener), a qual entre outras coisas desvela para nós todo o significado do sentar em círculo.

1981-82: de volta ao Brasil mergulho em perplexidade: nenhuma das iniciativas biodinâmicas que visito parece representar um caminho satisfatório, embora cada uma contenha peças importantes. Quase ao mesmo tempo publico meu primeiro livro (um volume de poesia...), nasce meu primeiro filho (na Venezuela...), e mando uma carta a todos os interessados em Biodinâmica no Brasil, propondo um encontro de intercâmbio. A proposta é recebida com entusiasmo, e o encontro é realizado no Centro Paulus de **10 a 13 de junho de 1982**.

A maior razão do sucesso do encontro é a *ausência* de preletor convidado ou principal. Temas prioritários são selecionados em conjunto e debatidos por pioneiros como (se nos lembramos bem) Dieter Pfister, Jorge Blaich, Marco Hoffmann, Olinto J.O. Neto, João Carlos Ávila, Geraldo Deffune... com vigoroso apoio



do Sr. Hubertus Loewens, que no final anuncia a decisão da Associação Beneficente Tobias (ABT) de garantir o salário de uma pessoa para desenvolver um órgão articulador para o movimento biodinâmico brasileiro. Sou indicado por unanimidade pelos presentes, e saio como o primeiro coordenador do que logo passamos a chamar de “Deméter”, e que se tornou mais tarde o Instituto Biodinâmico.

Esse foi efetivamente o 1.º **Encontro sobre Agricultura Biodinâmica no Brasil**. Mas sei que hoje isso pode ser facilmente tomado por ficção, pois, por incrível que pareça, não restou em minhas mãos *nem um único documento* relativo a esse encontro ou à sua preparação. Processos pessoais extremamente difíceis, iniciados com a morte do meu pai naquele dia 30, respondem pela perda dessa documentação. É pela Carteira de Trabalho que sei que estive contratado pela ABT de 12/07/82 a 30/06/83, ocasião em que, por sugestão do Sr. Loewens, entreguei a coordenação a Marco Bertalot – ainda participando, com ele, da decisão de adotar o nome

Centro Deméter.

Nesse difícil ano trabalhei por correio (ninguém ainda sonhava com Internet!) com base em Guarapuava, PR, enfrentando uma vez por mês 10 horas de ônibus para reuniões em São Paulo. Foi desse modo que organizei o primeiro Seminário de Introdução à Biodinâmica no país (Centro Paulus, 10 a 15/12/82), e o primeiro Seminário de Aprofundamento, com Maria Thun, de 03 a 06/01/83 na Escola Rudolf Steiner. Para este, a Giroflex emprestou imensos rolos de espuma, e os participantes de fora, inclusive este coordenador, dormiam em larguíssimas camas coletivas improvisadas no chão de salas de aula... O encanto dos tempos pioneiros!...

Voltei a trabalhar como funcionário da ABT no Centro Deméter em 1987, já em Botucatu, a convite do próprio Marco e de Alexandre Harkaly – participando logo em seguida da mudança do nome para **Instituto Biodinâmico** (ainda me lembro dos debates e



dos argumentos!) – e por vários anos fui o editor do Boletim e das outras publicações do Instituto (que naquele tempo supria também as funções que são hoje da Associação).

O mais rico desse período, porém, eram as palestras e seminários: acompanhado ou sozinho, por iniciativa do Instituto ou de terceiros, entre 82 e 89 ministrei cerca de 40, em 19 cidades de 8 estados brasileiros e 2 da Venezuela (em apenas 2 meses de 86 participei de 5 seminários em 5 estados...) Passaram por eles seguramente mais de mil pessoas – e não é difícil estimar os efeitos caso apenas 2% dessas tenham se tornado multiplicadoras.

Porém em 1990-91 o destino me disse que meu trabalho central passaria a ser a educação *geral* de jovens, especialmente os das classes populares. Depois de uma breve passagem como colaborador da Associação Monte Azul, em São Paulo, criamos a **Trópis**, que até 2003 atuou exclusivamente em situações urbanas. A partir de 2004, porém, com o Projeto Oca Mundi e nossa instalação em Praia Grande, sentimos que se abriu um tempo de síntese entre o impulso sócio-educativo e o agrícola-ambiental.

De que modo a **Trópis** se liga ao impulso de 1968 e à Antroposofia? E qual será sua relação com a Agricultura Biodinâmica? Por que razão achamos hoje que esta só poderá cumprir sua função caso se junte ao impulso da Permacultura? Falar disso já seriam outros 500... e hoje nossa intenção foi apenas contribuir para a preservação da memória dos tempos pioneiros. À *saúde!*, portanto – a de todos nós e a de todo o planeta!!!

Prá a Garde, junho de 2004